

## Gravação: tdm44\_inimigodopovo

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:28:12:25)	Marcação do tempo onde inicia a fala
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Gustavo
Orador B	Hugo
Orador C	Josuel
Orador D:	Luciana

Este projeto é realizado com Recursos do Fundo de Apoio a Cultura do Distrito Federal.

Orador A: Tem uma coisa muito interessante que eu gosto de colocar quando eu vejo a análises, principalmente no twitter sobre filmes...séries, principalmente sobre filmes baseados em super-heróis e HQs. Que é... a tal famigerada... a parada do: "No quadrinho era melhor" (risos), né. "Não, porque no quadrinho, o Aquaman não anda no cavalo de não sei o quê..." "Não...porque o super homem, na verdade, no red sun, ele tem uma capa vermelha e a cor do personagem não pode ser negra porque o cabelo é verme"...sabe aquelas coisas, assim, tipo, fica fuçando. E eu sempre achei isso muito curioso...eu sempre achei: "Gente, mas que que vocês tão fazendo?" Primeiro: é uma obra artística; Segundo: é uma releitura; Terceiro: é uma outra mídia. Vocês não entenderam ainda? Até agora vocês não entenderam que é outra mídia? E aí depois eu fui me dando conta que nós do teatro já vivíamos neste mundo...separado entre... os dois mundos. Que é... criar uma coisa que você teve ideia baseado numa peça de teatro escrita e levantar esse espetáculo pro mundo da realidade. Que

ele vai ser assistido. E esse é o... e é o., é o... sei lá se é a base do trabalho do ator, da atriz, do criador, né. Não tem como. Por mais que...é claro que a gente sabe que existe muito teatro contemporâneo que não usa literatura teatral como base cria, criacional. Aliás, talvez, até seja bem menos do que...é, é, aliás, aliás seja até na verdade bem mais quantidade, né, de teatro e peças que são inspiradas em textos ou só...é...minimamente pinceladas por textos ou até na verdade nem leva em consideração a dramaturgia escrita, tradicional, né, o cara pega o texto, ele escreve no texto. Enfim, a gente teria que fazer um levantamento que talvez a gente não tenha ciência... nesse momento pra fazer e nem tem tempo. Né, pra levantar quantas peças de teatro são, são...elaboradas e levantadas e apresentadas no Brasil como todo. E quantas delas são baseadas em literatura teatral...propriamente ou quantas outras são texto contemporâneos criados pelos próprios atores enquanto fazem...então, a gente entende essa parada toda. A gente não vai ficar discutindo isso, não...dá um programa só isso...

Orador B: Com certeza.

Orador A: ...só esse assunto dá um episódio inteiro. Então, a gente não vai pra esse lugar, tá? A gente vai pular e a gente vai falar de teatro escrito como se fosse...aquilo que todo mundo entende..."Ah é o Shakespeare, Nelson Rodrigues...é... o Ibsen...é o Gato, sabe...até os... Plínio Marcos, enfim...não importa. O cara es...é um autor de teatro que escreveu peças, tá escrito, cê consegue encontrar numa livraria, biblioteca...cê pega o texto, escreve...teatro escrito é aquilo ali, ponto. Tá? E... mais ou menos se entende é que toda base teatral foi criada nesse negócio, né. É uma coisa escrita, registrada e vai ser montada. E esse pulo do gato, essa coisa de você pegar um texto... e criar ele num espaço... pra gente já é e sempre foi muito claro que a adaptação...vai diferenciar daquilo que tá escrito. É meio que obrigatório, né. Ninguém consegue pegar uma peça de teatro e... criá-la cem por cento tal qual tá escrita e cem por cento tal qual a pessoa pensou. Se ela vai apresentar em dois lugares diferentes...ela já vai ter que adaptar, se ela vai ter que mudar de teatro...ela já vai ter que adaptar. Isso tudo sempre tá muito claro pros atores e atrizes, sabe. Tipo no meio teatral, a gente não fica muito nessa parada de discutir...sabe, eu não me lembro mesmo de toda a minha escolarização do teatro de debater com, com atores...ou atrizes sobre uma determinada montagem...em que o assunto principal foi: "É...mas no texto original, a personagem não tem o cabelo enrolado, mas não tem porque tá esse vestido porque em mil novecentos e quarenta e quatro..." Ninguém vai pra esse lugar, cara...

Orador C: Sim.

Orador A: ...nunca foi esse tipo, vai, mas não é o importante...porque meio que todo mundo parte do pressuposto que é ÓBVIO que é uma adaptação escrita. E aí, aí que mora um ponto interessante da nossa conversa aqui. Às vezes, conhecer um teatro pela literatura... e não pelo espetáculo...mudaria sua experiência sobre o produto? Se você, de repente, tivesse, a oportunidade de ter lido Shakespeare...ter lido Romeu e Julieta, mas nunca ter assistido nada...como seria quando você vai assistir um filme do Romeu e Julieta ou ver uma peça da montagem do Romeu e Julieta...se tu já tinha conhecido o texto na escrita.

Orador B: Ah...

Orador A: E aí a gente pensou nesse lance todo e chegamos a essa conclusão do programa de hoje. Hoje nós vamos falar sobre "O inimigo do povo". Porque nada mais a ver... com esse momento... do que começar essa jornada literária com um texto político... que o título é o " O inimigo do Povo" escrito por Ibsen...

Orador B: Mas, Gustavo, olha que legal, você já fez uma pergunta...que eu acho que nossos ouvintes da podosfera já podem tá respondendo isso aí pra gente...né. É...você já fez essa experiência de, de ler um texto e depois de assisti-lo montado? É...como é que foi isso, galera, quem já teve, pô, fala aí pra gente. A gente vai falar bastante disso.

Orador C: É porque nós, atores, às vezes fazemos o papel... que os nerds que gostam muito dos livros fazem quando vão assistir O senhor dos anéis...ou Harry Potter...eles levam toda a coleção na fila pra assistir no cinema e, de fato, comentar. E o programa não é só ver, fluir o filme...é falar "Não, agora que o mago de não sei o que lá vai mostrar tal magia...". A gente no teatro não vive isso, eu acho que o, o mais próximo que a gente vive é: Se o Hugo Leonardo fez uma peça: Abajur Lilás. Ele vai assistir uma outra montagem de Abajur Lilás...ele em algum momento, enquanto plateia, vai dando o texto que ele se lembra...

Orador B: Total.

Orador C: ...só pra ver como é que vai ser essa associação de uma nova obra.

Orador B: Uhum.

Orador C: Mas a gente não faz isso pensando no livro, a gente faz mais por um registro de ator que decorou a métrica da coisa, né.

Orador A: É... exato, exato.

Orador C: E, também...é... diante da sua experiência como criador em cima da obra e você não tem como não fazer uma comparação, né, mas eu vou deixar até isso pro próximo programa porque, realmente, a outra obra que é um vestido de noiva, nossa próxima obra do Nelson Rodrigues. Eu tive essa experiência. De...é...ir buscar ler porque eu tinha lido uma reportagem sobre o espetáculo e a montagem e aí que eu descobri que se passava em três planos, eu fiquei com medo de não compreender, eu era muito novo. E li e depois fui ver. Foi uma experiência incrível, a gente fala disso depois.

Orador A: Talvez seja legal, pro nosso ouvinte, a gente tentar dá uma mínima...contextualizada na questão do...a gente já falou do conceito de montar, né, de levantar um espetáculo, de criar um espetáculo. E é importante que nosso ouvinte tenha na cabeça que isso significa...é... pelo menos três esferas, né, na, na parte da pessoa que cria. Sei lá, a mulher pega um texto de teatro que ela quer...ela leu o texto, ela fala "Caracas, é isso que eu queria, olha só que legal. Quero fazer esse momento em que ela vai falar assim, o, o personagem vai fazer assim, assim, assado. E aí, cara...ela cria na cabeça dela esse espetáculo, sabe. Só que depois, ela tem que pegar isso e transformar isso em real, né. Chamar atores e atrizes, interpretar...é, o ator vai dar a forma dele fazer aquele texto. tem um momento, por mais que você seja super ditador na direção, você nunca consegue que o ator

copie a ideia que você teve da interpretação...muitas vezes, os diretores preferem que os atores criem, né, os personagens cem por cento mesmo, sabe, o diretor quer mais coordenar os, a, o corpo no espaço e deixa a parte da criação dos personagens...que é por onde o público vai, efetivamente, pegar o espetáculo, né, porque o teatro é muito vinculado ao ator e atriz no palco e não tanto a visão do diretor propriamente, né. É muito ali a, a pessoa falando aquelas falas, né, porque personagem meio que existe sempre... por essa esfera de que: ou ele fala que ele é uma coisa e os outros reagem ele sendo aquela coisa, né. Então a construção do que é a obra vai se dar nesse lugar...é... duplo. O cara entra vestido rei e todo mundo, então, se abaixa. Então, a interpretação dos atores e das, das atrizes no palco...mesmo quando não é você o personagem, você também ajuda a criar o personagem do seu comparsa, do seu parceiro...né, pro público. Então fica muito preso na mão dos atores, e aí, essa esfera de você conseguir tirar é mais um outro lugar, né, então você tem três lugares pra pensar: tem o texto que você leu, tem a ideia que você teve na cabeça e teve a condição daquele momento. Se você ainda quiser levantar o fato do teatro ser uma coisa ao vivo e cada vez ser uma coisa diferente e tá, tá, tá. Ainda piora mais ainda, né, porque...cada dia vai ser um pouco diferente. Vai ter um outro que vai tá gripado e tossindo ou vai te, é, vai ter um ator que vai tá mais, né, (risos), mais cansado, falei isso porque a Luciana tá aqui gripada, tossindo...

Orador B: Tadinha...oh meu Deus...

Orador A: Mas vai, vai ser sempre esse lance de, de, de...vai ser sempre esse lance, da, da diferenciação desses elementos. Então, eu acho que a gente já passou por esse lado da, da ideia da montagem propriamente...

Orador B: Sim...

Orador A: ... o fato dos personagens existirem nesse lugar da montar, montar um espetáculo...

Orador C: Uma coisa que eu julgo muito importante é...tem que haver também uma pré-disposição do público pra entender...que a obra de teatro não é uma obra de cinema. Porque geralmente é o comparativo mais específico...

Orador B: ...sim...

Orador C: Antes tinha obra da telenovela e do teatro, mas vamos falar de cinema. Porque quando você vai assistir uma peça de teatro, se ela for dentro de uma linguagem realista, naturalista, o público vai cobrar se o cenário, é um cenário que tá capenga, se eu tô dentro de uma proposta naturalista, realista...se a escada, de fato, é verdade...ou se é de isopor...porque o cinema, ele impressiona também muito por toda essa concepção estética de reprodução de uma época, e aí no teatro, tem que ter também um pouquinho dessa pré-disposição porque a gente consegue sim brincar do faz e conta e fazer bem feito. Mas os elementos que o teatro usa pra se apoiar fortemente são muitos ligados ao surrealismo, ao fazer de conta, ao estar pré-disposto a entender que aquela obra é uma obra teatral, que aquele ator tá fazendo um papel dentro de uma possibilidade estética e conceitual que seja crível porque se a gente faz essa referência só: "Nossa, nada a ver, a casa não é desse jeito, o cenário não é desse jeito, o teatro não vai encontrar isso nunca, nem se for feito enquanto projeção de, de...como é que

fala...de mapping.

Orador B: Exato. Porque, assim, a gente tá falando de uma linguagem que é muito mais artesanal, né, em que ela tem elementos próprios pra te transpor pra esse universo...que a gente parte já do pressuposto, eu finjo ser, você finge acreditar, quanto melhor eu fingir ser, mas faço pra você fingir acreditar. Mas, calma lá, né... aquilo que você tava falando por que, se não, era até o que eu falei na nossa reunião, você fica com a impressão, que era a que eu tinha quando era criança, que teatro era um filme ruim.

Orador C: Que maravilhoso...você se precipitou...

Orador B: Porque são linguagens realmente distintas, né. Então...

Orador C: E essa pré-disposição do público também vai enquanto generosidade desse público...se você pega o espetáculo, a gente vai falar daqui a pouco das obras, da obra que a gente selecionou pra hoje que é O inimigo do Povo do Ibsen, mas...se você pega um espetáculo, escrita duzentos anos atrás, vai montar numa sala de teatro que tem ar condicionado, que a poltrona é acolchoada...que tem toda uma estrutura já clean, já muda.

Orador B: Uhum.

Orador C: Já muda, por si só, a transposição do que é livro para o palco...para a cena. Eu vou dar um outro exemplo muito legal que eu vi do CinemaAção que é um outro podcast que fala de cinema...e ele fez uma analogia interessantíssima com o filme do Aladdin. O que que eles fizeram: eles pegaram o Aladdin, da Disney, de mil novecentos e noventa e dois, e falaram a última fala do pai da princesa Jasmim...que é: "Minha filha, eu como Sultão, vou mudar a lei e, a partir de agora, você pode se casar com um plebeu". Na versão de dois mil e dezenove, lançada pela Disney, foi, o Sultão falou: "Minha filha, a partir de agora, você é sultana, você tem a total autonomia para mudar a lei como você quiser"...

Orador B: Olha aí...

Orador C: ...em tempos de empoderamento feminino...

Orador B: Total.

Orador C: ...essa frase faz com que você entenda que...tá vendo como é fácil e inteligente, pegar um contexto de uma obra de arte e levá-la para o ano de dois mil e dezenove, mesmo sendo um filme de fantasia.

Orador B: Perfeito, né. E como vem a calhar, né. Realmente...esse é o verdadeiro empoderamento. E a obra de arte não tá ali submetida, também, diante dessa adaptação porque eu tenho a impressão que a gente sempre tem uma adaptação. Gente, ator então, começa a ler, já faz uma projeção. Aí começa a trabalhar, vê as condições reais de trabalho, já é outra adaptação...aí...a, quanto seu ator capta ou chega também...é tudo uma adaptação, né, daquilo que eu havia deslumbrado, de uma expectativa que eu tinha criado pra gente chegar num, num outro lugar, né, é que de fato vai ser essa montagem, então acho que a gente tá muito acostumado a lidar com isso. E acho que por isso esse convite é interessante. Da gente falar de uma peça...é...dentro...da sua construção literária, né, que é uma literatura já

diferenciada, por si só, até porque é uma...a dramaturgia, ela é uma cena, né, ela é construída por meio do, da ação dos personagens e... o desenvolvimento dessa história que é muito diferente de uma literatura comum. E, depois, tornar isso vida cênica...é... o nosso trabalho e agente sempre nessa constante adaptação que é o que a gente quer compartilhar com vocês da podosfera.

Orador D: Uma coisa que eu queria observar... é que, assim, esse debate, né, do que é certo ou o que é errado dentro de um, de uma obra de arte, enquanto a gente fala de adaptação, por exemplo. É porque, hoje, a gente trabalha com a ideia de autoria... mas nem sempre existiu a ideia de autoria. A ideia de autoria, ela surge no renascimento, ela surge na modernidade...porque na Grécia Antiga, na Roma, na Idade Média, na Grécia, por exemplo, não foi o Sófocles que inventou a Antígona, Antígona era um mito, ele escreveu uma peça sobre o mito, mas tinham outras peças Antígona que não chegaram até nós, né. Durante a Idade Média, também, é... o teatro medieval, ele baseava-se na Bíblia, mas cada...é, é cada capítulo...

Orador B: Exato.

Orador D: ...cada, cada ce, é... feudo fazia da sua forma. Então, no renascimento, quando surge a burguesia, quando surge a modernidade e eu preciso transformar tudo em produto, em dinheiro, eu preciso de uma autoria porque eu valorizo aquilo, eu transformo aquilo em uma coisa mais cara. Então, a gente tá falando de uma fixação de, de, de uma obra, né...a obra tem esse modelo, mas a arte, ela é uma experiência.

Orador B: Exato.

Orador D: É uma experiência que, às vezes, ela não pode ser compensada, então a minha experiência com Ibsen é uma...a experiência do Hugo é uma, a gente vai falar sobre...é.., O inimigo do povo e nós estamos falando do Inimigo do povo em dois mil e dezenove, quando Bolsonaro é presidente. Mas, de repente, na Noruega, eles estão falando de uma outra maneira do Ibsen...porque a gente tem que levar em consideração sempre... o público, o tempo, né, eu tenho pensado muito sobre esse conceito de autoria, e eu acho que ele é muito...é um conceito muito delicado.

Orador B: Apesar, Lu, que muito interessante esse dado que tu trouxe mesmo que, por exemplo...é...chegou pra gente "Trilogia tebana", mas a gente sabe que tinham nove espetáculos que se passavam em Tebas, só Sófocles, a gente tá falando...de um autor, né...é...poxa, essa abordagem tinham vários...prismas de observações e várias literaturas em cima desse próprio mito, né, então...é...a gente, tá, até trabalhava com uma questão de autoria pela visão daquele que está edificando o pensamento naquele congelamento que vira um texto, mas, por exemplo, mui...dos autores na Idade Média, escreviam suas obras e não assinavam, né, com medo de ter sua cabeça cortada na praça pública, degolada ali pra servir de exemplo, então várias farsas que a gente vem encontrando, hoje em dia, de autores desconhecidos...é...justamente em favor do momento social e político em que eles estavam enquadrados e vivendo. Então isso que tu falou...de realmente ter uma adaptação é um contexto muito interessante porque, pra mim, essa obra do Ibsen, diante do quadro político que vivemos no Brasil, me parece ser extremamente oportuna e relevante de tá discutindo.

Orador D: E...eu acho, só pra completar, a, a ideia, por exemplo, os autores de literatura de cordel, eles não trabalham com a ideia de autoria. Né, assim, por exemplo, os personagens, eles existem e eles não existem por causa daquele autor, os personagens existem e o autor só reformula aquela ideia. Eu gosto dessa ideia da arte como... sempre reformulação, né, sempre...eu trabalho com as ideias, as ideias podem até ter surgido a partir de um contexto, mas o contexto muda e as ideias mudam e é tudo muito mais fluído, né.

Orador A: É...tem esse, esse negócio da...até no folclore mesmo, né, quando eu tava, a gente tava fazendo um espetáculo com a ética...baseado no folclore gaúcho...e o elenco todo, né, era o elenco do Trabalho de mesa na época, mas a gente não tinha o Trabalho de mesa ainda...e ele era, ele era todo, o elenco todo era do centro-oeste, sabe, assim, ninguém tinha contato com a cultura gaúcha folclórica... e aí eu fui apresentar, bom, vamos ler o folclore, e aí quando a gente começou a ler o folclore junto e os textos do folclore e as coisas, né, achamos uma tese de doutorado, mestrado sobre o folclore...algumas coisas escritas por, por poetas, canções e tal, cê começa a ver, tipo, a...sei lá, mula sem cabeça, o saci Pererê, esses outros mitos, essas coisas contadas com outros nomes, por outra, com outra históricas....

Orador B: ...olha...

Orador A: ...sabe, tipo, com outra história... não é um menino que não tem um pé, sabe, é uma cobra que não tem uma...não é um cavalo sem cabeça...

Orador B: ...na verdade...

Orador A: ...na verdade, é uma cobra que não tem, sabe, tudo isso vai se misturando...

Orador B: ...na verdade...

Orador A: ...e aí você se confronta...pode falar

Orador B: Desculpa, é a mula com o pinto sem cabeça...lá no Sudeste é desse jeito...a coisa muda mermo, galera... são muitos tipos de animas folclóricos...Gustavo fazia essa pesquisa caracterizado de piuchado, nera, amigo?

Orador A: Era...exatamente...

Orador B: Tava todo, todo, todo...

Orador A: Mas, assim, era uma coisa, assim, de você...de você...se confrontar com o que você sempre escutou e falar "Ué, de repente, a história do Saci Pererê não é do Monteiro Lobato mesmo, né. " A gente, tipo, e...esse é um baque muito grande quando você se dá conta, assim, "Caraca, essa história, ela existia e o Monteiro Lobato foi alguém que pegou e deu uma característica pra ela, mas ela tem várias vertentes, ela é bem mais profunda. E isso aconteceu também quando tão querendo discutir...agora aconteceu de discutir...qual foi o filme que rolou...Bru, se você tiver pro aí, agora pouco que rolou uma polêmica...é... que foi uma animação...que foi...a Ariel? É...

Orador C: A Ariel negra, né?

Orador A: Isso. isso. E alguém, alguém mostrou imagens...não sei se foi a da Ariel...

Orador C: A pequena sereia, Ariel...

Orador A: É... exatamente, foi essa polêmica aí...e eu, eu vi...

Orador B: Ariel negra...

Orador A: ...historiador colocar, eu não sei se foi o da Ariel, cara, eu tô achando que é, mas enfim, ele, ele foi colocando: "Olha o mito baseado aqui e tal" e aí me mostrou umas...umas histórias sobre o principal mito de base que serviu como momento...lá, sei lá, na Arábia daquilo, sabe, e quando eu li, eu falei: "Caraca, isso jamais ia conseguir entrar pra uma, pra uma história de criança, que era uma parada terrorosa, assim, sabe, pavorosa, de comer cabeça, de ser sanguinário e ter sexo e tal, tipo, era uma parada muito adulta e, aí, eles pegaram esse mito e transformaram numa, numa história em quadrinhos que transformou num desenho animado e que, de repente, chegou numa mitologia. E agora o jovem assiste o filme e fica "Não, a Ariel que eu conheço é essa Ariel". Só que ele mesmo não sabe que existe todo um background...

Orador C: Sim...

Orador A: ...tipo, sei lá, quatrocentos anos dessa história que ela já está sendo contada há muito tempo, só que pra você, ela chegou só por esse lado, né. Então, por isso também, esse nosso programa de querer conversar sobre o texto...principalmente aí, essa trilogia que a gente vai fazer do Inimigo do povo, do Vestido de Noiva e do Rei da vela é, justamente, pra gente debater a...supostamente, uma origem sendo que a gente já levantou aqui a própria origem do texto também tá baseada nos...nas coisas que estavam acontecendo na vida desses autores, dessas autoras lá naquele momento em que se escreveu. É... a gente fez um vídeo sobre o Casa de Bonecas, a gente fez uma sequência sobre...

Orador B: ...foi...

Orador A: o Ibsen no casa de boneca, em parceria com canal, eu não sei se ainda existe, faz muito tempo que eu não assisto as coisas do Youtube, mas o Leituras Alheias que era um canal de uma ex-aluna minha maravilhosa, uma amiga maravilhosa, Ana Flávia, eu acho ela maravilhosa...e ela, ela...criou esse canal pra falar...

Orador B: feminista...é... muito legal as meninas...

Orador A: ... sobre literatura, sabe, feminismo e tal, muito fantástico.

Orador A: É... era fantástico. E aí a gente fez uma proposta com elas de fazer uma parceria do Trabalho de mesa com elas pra falar sobre o Casa de Boneca, assim, e aí eu também li o Casa de boneca com os meus alunos na época e a...e a parada do feminismo no Casa de boneca aparecia, assim, cara, gritante...era praticamente só os debates que a gente tinham sobre o Casa de boneca era sobre o feminismo. O que me levava a pensar que, talvez, o autor nem tava falando disso...porque o feminismo não era uma coisa como é hoje em mil oitocentos e tanto...entendeu? Tipo não era aquilo, só que a gente dá essa cara quando a gente vai ler o



texto hoje, a gente tá vivo agora e a gente pega as nossas coisas e olha o texto do Casa de Boneca e o feminismo sai, assim, gigante, no texto, mas talvez nem fosse...uma proposição mesmo no texto, sabe. Uma proposição do autor, tipo, falar desse assunto, esse assunto tá lá, mas não era a... bandeira que ele tá sendo levantada quando você vai ler o texto hoje, sabe.

Orador B: É, na verdade, é... foi muito legal você ter tocado nesse assunto porque...o mesmo au, autor, né, do Inimigo do povo e, realmente, o Ibsen, ele se enquadra naquilo que a gente pode chamar de...de...dramaturgia de vanguarda. Né, primeiro que ele é um cara que não se ateve a um único estilo...é...dramático...né, ele tem obras até...que a gente pode se considerar do teatro do absurdo...é...surreais, né, que a gente...seria o mais próximo do surrealismo dentro da, do teatro...é...e., obviamente, os textos realistas...é...foram os que, talvez, alavancaram ou deram maior visibilidade pra produção literária dele, né, de dramaturgia. Mas ele era um cara que tava, realmente, muito à frente do seu tempo, eu acredito que a questão do feminismo, ela, sim...antes ainda do período ali do movimento sufragista, ele já falando sobre o empoderamento, na verdade, eu até assemelho essa obra Casa de bonecas mais ao mito da caverna que é quando você desconhece, né, uma realidade, passa a se deparar com ela e... tudo que vem em decorrência disso, né, que a Nora...no caso da Casa de Bonecas percebeu que ela tinha inventado aquele marido...e...que não condizia com a realidade e que depois ela foi entendendo, é uma tomada de consciência mesmo, que...ela foi passada pai para o marido e...a mulher sem esse lugar de, de...como sujeito, né, e aí, é...sobre isso, na verdade, que a peça trata e o quanto Torvald fica escroto porque sempre que ele se refere com ela, normalmente, é muito cordial e gentil só que, aí, a gente tá falando das outras violências, né, que não...a...a...física ou palavrão em si, né...tem tantas violências psicológicas nas quais a gente está inserido. Então, realmente o Ibsen, ele sempre vai tá falando de coisas...é... que, de fato, a gente pode tá discutindo, hoje, em 2019, porque...era um cara com uma visão muito, muito à frente do seu tempo.

Orador C: E o texto político ou o texto dramático de cunho político ou de crítica política, ele jamais vai morrer porque acha que talvez seja um gênero que sobrevive às várias estações do mundo porque a gente não tá falando de política pensando em questão partidária...se você for parar pra pensar no conceito de república ou de própria, da própria política desde a Grécia, você vai entender que é um modelo que vai ser sempre criticado. Seja direita, seja esquerda, seja centroavante, seja qualquer lado. E, aí, por isso que obras do Ibsen sempre funcionar, se feita de maneira inteligente, obras do Chico Buarque como O Saltimbanco sempre vão chamar a atenção, aqui em Brasília tá em cartaz... a peça com direção do Hugo Rodas...e que vai chamar a atenção porque uma: o texto é fantástico, as adaptações podem ser fantásticas também, mas a gente tem que pensar sempre que...se alguém escreveu algo que sobreviveu ao tempo é porque essa escrita é muito boa enquanto técnica...

Orador B: ...sim...

Orador C: ... enquanto referencial...e isso é muito importante. Fala-se de Ibsen porque o cara foi um gênio mesmo, a gente vai dar agora elementos sinópticos para que o ouvinte possa entender por que que a gente tá enaltecendo tanto e falando tanto da sua relevância política.

Orador B: Ah que legal isso que você falou aí, então a gente já aproveita também pra divulgar pros nossos ouvintes, que são daqui de Brasília, que tem esse espetáculo aí bombando...com nosso mestre Hugo Rodas e com a galera da Macaca que é uma galera massa. Mas, olha, e falando dessa obra, tem uma coisa que eu gosto muito que é como ele apresenta os personagens: primeiro momento, a gente vai vendo... o Thomas Stockmann que é o...seria o personagem central e que...pra quem não leu fica achando que ele vai ser o vilão e, na verdade, ele tironizado, ele se torna um vilão contextual, só que não é. E essa primeira cena...que ele apresenta, deles recebendo... uma galera em casa. O Thomas, a esposa e a filha dele. Tem uma galera, inclusive do jornal, uma galerinha bacana da cidadezinha onde se passa a história...e a, aí, você vê que ele é um cara hiper cordial, bem quisto...é...de reputação ilibada, um cara...assim... muito considerado, né, eu acharia ele um incrível partido, inclusive, hoje em dia, eu tô procurando um Thomas, viu, gente. Pode, pode mandar, pode mandar mensagenzinha, mas tem que ter tudo isso: educação moral...e cívica, ética própria, tá?

Orador A: Ixi...

Orador B: É... então é muito interessante que...que realmente são, é um personagem...

Orador A: Quando, quando a pessoa fala educação moral e cívica junto numa frase, você já sabe que ele tem, que ele nasceu na década de oitenta, né.

Orador B: Ah...total.

Orador A: Só pessoas que nasceram a, o... pouco antes de oitenta é que conseguem ficar, conjugar essa frase desse jeito, educação moral cívica...

Orador B: Pois, é... mas, na verdade, gente, isso representa, gente: carro, casa própria...tá bom? Beleza. É... dentro do contexto que eu tava falando. É... interessante a curva dramática que esses personagens sofrerão diante do...de como eles vão ser vistos pela sociedade diante da distorção de fatos. É... da vilania da nossa imprensa marrom, né, e... poxa, é muito...rico, a mudança das pessoas que frequentavam a casa dele que estão sendo recebidas, na primeira cena que é um jantarzinho que eles estão oferecendo.

Orador D: E é incrível porque, se não me falha a memória, todos os personagens são apresentados na primeira cena...

Orador C: É...é...

Orador D: ...todos...

Orador C: É...

Orador D: ...né? E, aí, esses personagens, eles vão mudar ao longo da peça e...e... por isso o Ibsen é genial. Lembrando aqui da Casa de Bonecas, a Nora abre a peça, ela é a esposa perfeita.

Orador B: Não, total.

Orador D: Ela tá colocando os presentes de Natal embaixo da árvore e tá todo mundo pensando "Nossa, que legal. Eu queria ser aquela pessoa". Mas, aí, é que tá, você, pessoa...que está assistindo, diante do conflito que aquele personagem passa, você faria o que ela fez?

Orador B: Pois, é...

Orador D: Né, e, aí, que fica a grande questão, porque o Thomas Stockmann e a Nora, eles ultrapassam qualquer limite. Eu tava lendo e eu ficava assim: "Não, gente, em algum momento esse doutor vai desistir do que ele tava falando...e ele vai apoiar o que os outros tão falando pra ele não morrer...tem hora que cê acha que ele vai morrer, que vão entrar na casa dele..."

Orador B: É...

Orador D: que vão apedrejá-lo...

Orador B: ...ele é quase linchado mesmo, né....

Orador D: É... e ele não abre mão da verdade que ele acredita, ele não abre mão, como a Nora não abre mão, né...

Orador B: Ou seja, né, Lu, que cê tá dizendo, eles são personagens extremados...

Orador D: Verdade...

Orador B: ...mesmo sendo realistas, eles defendem...é... o ponto de vista...o que eles passaram a deslumbrar e que, talvez, antes não...né, diante da própria circunstância...e...cara, é muito rico isso pra um ator.

Orador D: Sim.

Orador B: Né, poder fazer o final...

Orador A: Lembra quando, quando ele...há muito tempo atrás, eu tava, a gente tava lendo... são...primeira vez que eu li o Casa de Bonecas foi num grupo de teatro, né, da companhia da Ilusão, a gente tava junto pra fazer uma montagem...eu ia fazer a parte sonora e tal, e ai a gente tava sendo apresentado ao texto pela primeira vez. E... eles faziam uma parada, que assim, a gente não falava nada de quem era o texto, nem qual é... período que ele foi escrito, nem nada. A gente pegava o texto meio cego, assim, pra não ter nenhuma influência, né, pra tentar ir lendo junto, assim. E, aí, a gente foi lendo e determinado momento da, da, da cena a...atriz que ia fazer a Nora, ela, ela parou assim a fala e falou: "Gente, se ela não for embora de casa, a gente não vai montar esse texto." "É sério, é sério... tô falando sério, se ela não for embora... a gente vai, a gente não vai montar. Não dá pra montar esse texto." Porque ela é muito...muito mulherzinha, do clichê, sabe, a mulher perfeita, cotovia, o cara chama ela de cotovia...

Orador B: Cotovia por uma rola...

Orador A: ...tipo, é, é, demais, cara, no início chega a ser, chega a ser impressionante mesmo, sabe, e aí quando você vai lendo o texto, e ela vai se transformando naquilo...cara, é uma revolução enorme interna. Você fica: "Caracas, ela vai sair, será que ela vai virar essa monstra". Você tá lá, vai virar um tamanho do...cara, é incrível essa experiência, assim, de você vivenciar ao vivo porque fica muito perto, né, de você...parece que você é, porque você não tá lendo uma história, né, você tá sendo essa história, né...

Orador D: Exato.

Orador A: ...porque o texto é escrito pra você falar as falas "Eu estou aqui, olha, não aguento mais", entendeu? Não é assim: "Fulana disse: ela não aguenta mais" ou "Fulano disse que...

Orador B: É... não

Orador A: ...não aguenta mais". Não. Você interpreta a voz desse cara falando "Eu não aguento mais." Então, é uma outra relação mesmo, sabe?

Orador B: É até um processo quase esquizofrênico porque eu falo...

Orador A: ...exato...

Orador B: ... pros meus alunos que quando eu tô lendo sozinho...

Orador D: ...eu faço as vozes...

Orador B: ...eu faço todas as vozes também...

Orador D: ...sim...

Orador B: É... é leitura em voz alta, e, aí, assim, meus vizinhos...eu moro num prédio, já não falo baixo, né, cara, eles devem ficar assim: "Maluco, João acaba essa merda." Porque eu entro nesse processo maluco porque, realmente a dramaturgia, ela é pra se tornar uma ação, né, uma ação cênica, então ela faz muito mais sentido do que você fazer uma leitura silenciosa. Fica a dica, ouvintes da podosfera.

Orador D: Só pra...é... queria falar pra pessoas que tão ouvindo que esse episódio contém spoilers.

Orador A: Ah sim...

Orador D: É bom avisar. E...é... interessante que, tanto lembrando o Casa de Bonecas, quanto o Inimigo do Povo, é interessante que...o final, ele é indefinido. Né, a Nora vai embora, mas ela vai embora pra onde?

Orador B: Que que vai ser?

Orador D: O que que vai ser? Porque a utopia...é... o novo, ele é sempre desconhecido, né, porque ele é novo, ele não pode ser apresentado. Eu me lembro de uma trilogia que tem... é de um, de um autor brasileiro chamado Adonias Filho, que ele fez uma trilogia, eu não me lembro o nome dos três livros, mas o primeiro livro é alguém que sai do lugar onde está e

volta. O segundo é o cara que não consegue sair do lugar onde está e, o terceiro livro, o cara de fato, sai. Então é sobre essa necessidade que nós temos de abandonar esse lugar onde nós estamos. E esse último livro que é quando o cara consegue sair do lugar de onde ele está, ele some na floresta, e ele não deixa nenhum rastro. Então, o público fica imaginando esse possível lugar pra onde ele vai, mas nós não sabemos como é porque é o novo. Eu também fiquei muito curiosa. O que aconteceu com o Dr. Stockmann depois que a peça acaba? Né, o que aconteceria?

Orador B: É...mas é tão lindo aquilo que ele fala pra filha dele, assim, né, porque, cara, diante de tudo que ele vai passar, que a gente vai contar jazinho...eu tô... aqui até olhando pro Josuel porque eu sei que ele vai dar a sinopse. É...mas o "não desistir", ele ainda tem um plano, pra ir pra periferia e poder trabalhar na formação de base dos excluídos pra tentar reverter um quadro...não você pensando... em realizar uma mudança micro pra que isso possa chegar até o macro, né.

Orador C: ... e que cative.

Orador B: É, é. E que resgate também porque são pessoas que não teriam essa oportunidade...em que ele também só vê a necessidade de ir pra lá quando todas as outras portas lhe foram fechadas. Então, é... muito interessante mesmo...a gente vai pensando essa construção: "Caraca, como que vai ser isso, como seria isso mesmo, né?"

Orador A: A gente já falou de coisas conceituais, a gente de falou sobre o...a relação que um texto de teatro tem, nem...em...vincular com a pessoa que tá lendo... a gente já falou sobre os conceitos de montagem, então agora vamos tentar um pouco na questão do texto mesmo, né. Na história do nosso episódio...

Orador C: Da história...tá.

Orador A: Mas, pro nosso ouvinte, pensa que...a gente não tem necessidade de se preocupar com spoiler, necessariamente, porque a gente vai falar uma análise do material bruto. E o material foi escrito pra também ser interpretado, mas também pra ser lido. Então, assim, não se preocupa, você, ouvinte, se não leu...porque não é que não é pra você esse episódio. Você não leu, pode ser que você queira ler, e esse é nosso intuito, depois de você ouvir a nossa análise. Porque, tipo, a gente não vai te contar a história toda, tipo, acontece isso e, no final, tem uma cena que acontece aquilo. Tipo, a gente não vai ficar desmembrando nesse sentido. A gente vai falar um pouco do contexto, mas na verdade, a gente tá falando da obra pura, o texto escrito, não uma montagem, não como, né...e, aí, cada um de nós aqui tem uma visão porque cada um leu esse texto em... um contexto diferente. Eu li esse texto há muito tempo atrás e, agora, quando a gente de...selecionou esses textos, eu dei uma relida pra tentar lembrar de alguma cena, como é que terminava, como que é acabava, por exemplo, esse negócio que a Luciana falou de que termina...é... aberto a obra e eu nem me lembrava disso, eu nem sabia...quando eu fui ver, eu falei "É verdade, ela termina, ela termina aberta. Agora

que a Luciana falou, me veio na cabeça a sensação de novo de que "Ah, ela termina aberta". E isso é, ´é uma forma diferente de você avaliar o produto, sabe? Ele não precisa ser contado, contar a história como um todo. Então, não se preocupe, ouvinte, que tu não...por acaso, tu não lesse o texto, você consegue fluir nosso programa. Não se preocupa, segue o jogo com a gente.

Orador B: Agora, o Josuel...vai fazer a nossa sinopse, né, vamos falar do enredo deste, desse...

Orador A: manda bala!

Orador B: ...peça...pra que vocês conheçam.

Orador C: Pensa o seguinte: O nome da peça é Inimigo do Povo. A primeira coisa que acontece é você ser apresentado às personagens desse contexto, você já sabe quem são as personagens, que que elas fazem, você começa a gostar dessas personagens, já entendi qual é o núcleo de cada um. Depois que eu entendo o núcleo de cada um, vem uma personagem que vai se tornar, que é a personagem principal que é o doutor. E ele descobre um problema na rede de saneamento de uma cidade, mas, calma, você já tá cativo com essas personagens que existem. E essas personagens, que já conquistaram teu coração enquanto leitor, começam a não gostar da manifestação do doutor porque, a partir do momento que ele diz que tem um problema na rede de saneamento básico de uma cidade, isso vai influenciar diretamente a quem lucra com essa cidade. O cara do turismo, o prefeito, enfim, as personagens todas que usufruem da cidade enquanto ponto turístico. E, aí, se ele delata, publicamente, um problema de contaminação, isso vai influenciar diretamente na vida dos poderosos, ou seja, uma denúncia que dentro de um contexto ético é algo legal, é algo certo, coeso...dentro da narrativa do livro é ir em desencontro com aquelas personagens que já cativaram meu coração. Logo, eu fico pensando: "Eu vou torcer pra esse doutor que vai falar uma coisa que eu sei que é boa ou eu vou tá... a favor desses pares, desses personagens que já cativaram a minha leitura. Que já cativaram, que já tiveram o consentimento da minha adesão a obra.

Orador B: Inclusive, pra mim, esse é o grande conflito já... que é apresentado porque essa cidadezinha de Molendal, né, que é onde se passa, ela fi, ela ficou toda próspera, então, assim, o cidadão comum tava vivendo bem, né, porque as, as fontes térmicas...é...que eram, assim, um grande atrativo turístico...é...beneficiou o comércio como um todo. Então, de fato...ele, quando ele pensa em fazer a denúncia, porque ele foi muito íntegro na pesquisa, ele faz essa coleta, dessas águas...depois manda pra ser investigada no melhor laboratório, demora... pra chegar. Ele escreve um laudo a respeito, né, e, aí, ele constata que, na verdade, estão todos tendo...tentando em risco, risco de vida, de saúde, né. Então, a gente tá numa pauta de saúde pública, em contraponto, de uma cidade que estava muito bem estruturada e que se sofresse um escândalo desse...

Orador C: ...acabava, acabava.

Orador B: ...acabaria, acabaria.

Orador C: E é tão inteligente que quando você tem o período do texto em que ele vai fazer

esse trabalho na zona de periferia, dramaturgicamente, é um momento de fazer com que você, leitor, tome partido. Tome um partido pela questão ética, poder flagrar, de fato, o que que está acontecendo, e por mais que essas figuras poderosas...que essas figuras que constituem todo um contexto social e político da cidade e conquistem enquanto leitor, eu sei que o grande contraponto vai ser ele falar a verdade. Então, quando você tem isso numa obra, você fala pra, para pra pensar no seguinte: "Pera". Então, essa é uma obra do Ibsen, chama-se O Inimigo do Povo, O Inimigo do Povo é a protagonista. Em texto dramático, colocam como anti-herói mesmo sem querer, então, você fica o texto todo nessa dicotomia sem saber se você fica a favor do que tá de boa ou se você quer ver o circo pegar fogo. Mas, o leitor não é burro, ele sabe que não vai conseguir ver o circo pegar fogo porque a obra vai acabar antes disso...e essa reflexão é o que é bacana. Quando o Gustavo falou anteriormente, quando a Luciana falou anteriormente dos mitos que se transformam em outros mitos, que se transformam em outras histórias, percebam o jeito que eu contei essa sinopse, sem contar nome das personagens. Não parece algo familiar? Não parece alguma história que você já ouviu em algum lugar? O nosso... autor brasileiro, o Dias Gomes, escreveu, em sessenta e cinco, uma obra chamada Berço do Herói que era a história de um cabo do exército, que durante a batalha, um fogo cruzado, vai em direção ao fogo e os colegas soldados falam "Nossa, ele é muito corajoso. Ele foi lá pra linha de guerra." E some, desaparece. Ele volta, quinze anos depois, na cidade, pra pedir perdão aos seus pares, pra dizer que, de fato, ele errou, ele fugiu por covardia. Mas, quando ele cruza a fronteira da cidade, ele vê que a cidade agora se chama "Cabo Jorge" que é o nome dele. E essa cidade faz a medalhinha pra dizer que ele é um mártir, que ele é um guerreiro, um herói de guerra, a cidade tem todo um ciclo de turismo porque esse cara transformou uma cidadezinha pequenininha de dez mil habitantes em um polo comercial sertanejo que vai de encontro a esse mito: o cara, o herói. Então, quando ele vai diante dos militares e fala: "Não, não era só mentira, eu quero que o povo saiba que a verdade, que eu fui um covarde"

Orador B: Construiu um mito, né, uma cidade...

Orador C: ...o coronel, o subtenente, ninguém mais vai querer que ele fale a verdade e, por essas personagens também serem apresentadas de maneira cativa, a gente também não quer que o Cabo Jorge fale a verdade. E o que que esse livro faz, o que que é mais doido na obra do Dias Gomes. O cabo Jorge vai fazer um trabalho na periferia, mais, precisamente, nos prostíbulos da cidade, então quando você vê Ibsen e, e Dias Gomes, você fala: "Mano, cara, eu conheço essa história..."

Orador B: ...muito, muito paralelo que depende na adaptação pra TV...

Orador C: ...virou o que a gente como Roque Santeiro. Eles só mudaram a questão de ser um cabo político pra se transformar num santo.

Orador B: Exato.

Orador C: E, aí, já vai falar da questão do sincretismo religioso, é muito importante a gente perceber que não tem como mais inventar nada, o que a gente faz, o que esses autores fizeram, há cinquenta, sessenta anos atrás foi aproveitar histórias pensando numa coisa que o

cinema conhece muito bem que é o ciclo do herói, né. A jornada do herói, de onde eu venho, pra onde eu vou, em qual momento eu retorno pra pedir, não é perdão a palavra que eu quero dizer, eu retorno pra...

Orador B: Mas é pra expurgar...

Orador C: ... pra expurgar... pra resolver as questões e pra onde que eu vou depois que eu resolvo? Então, acaba que é uma história que é geral. Se você conhece ela ou como Berço do Herói ou Roque Santeiro ou como próprio, a própria obra original faz, mas existem muitas outras espalhadas por todo o mundo.

Orador B: Não, total, né, e... poxa, esse dilema da verdade...é... ser um bem maior, né, ainda mais se ela tiver...voltada para uma questão da preocupação da saúde...

Orador C: Sim...

Orador B: ...porque, dentro do contexto da peça do Ibsen, outra coisa que se revela é porque o Peter que, que é o irmão do, do médico...é...do Thomas, ele é o prefeito da cidade. E... quando ele percebe que, a catação...é... das fontes térmicas...foi feita num lugar não adequado, né, pelos lençóis freáticos que tá prejudicando e contaminando a própria água...da população. É... poxa, no decorrer da história, a gente descobre que ele foi alertado antes de fazer essas obras...pelo Thomas, ainda assim, ele optou pelo o que sairia mais barato, só que é o barato que sai caro. Né, porque, é...eu fico, como é...ele não dá uma solução pro problema, porque ele não dá, essa cidade vai se fuder de qualquer jeito, né, porque ela vai chegar num ponto de epidemia...é...que não vai ter mais controle...e...e, aí, é quando, talvez, a verdade venha à tona, e a gente consiga reparar as injustiças cometidas no texto só que isso não está na peça...

Orador C: Não tá...

Orador B: ...que é o que a gente fica clamando, né, quando tá lendo, falando: "Cara, não é possível que essa galera não vai saber da verdade." E o cara que tava em defesa disso é quem vai ser escorraçado e a filha não vai mais conseguir trabalhar em nenhum colégio...e a casa que eles tavam alugando, vai ser...retomada...é...pelos seus donos, cara, é muita chateação, né, em prol de uma ética...é...e...o não reconhecimento, ele fere a gente. Então, nesse sentido...você fez uma pergunta, né? Como que a gente fica diante desse conflito? Eu não tenho como... mas eu fico do lado do "inimigo" do povo.

Orador C: Sim. Total, total. Essas histórias, elas se repetem, elas voltam...é...eu quero voltar um pouquinho na questão do Dias Gomes pra lembrar que é um passado não muito passado, a gente tá falando de 1970...

Orador B: Isso.

Orador C: ...um período que se fazia muito teleteatro, é...em que se fazia muito... teatro de comédia e...quando começou a televisão, a gente tinha censores...se eu coloco, publicamente, que uma obra vai ser inspirada numa obra do Ibsen chamada o Inimigo do Povo, não entra,



não entra nem pra vender o livro, entendeu?

Orador B: A própria do Dias Gomes, a primeira versão, eles já tinham trinta capítulos gravados...

Orador C: ...e foi censurado né...

Orador B: ... foi censurado...

Orador C: Então, quando você tem, por exemplo, Janet Clair que era uma autora de telenovelas e esposa do Dias Gomes, ela quis botar Brecht na televisão em 1970, isso era inconcebível. O que que ela fez, ela transformou Mãe Coragem do Brecht, Mãe Coragem e seus filhos em Irmãos Coragem e a personagem protagonista era um jogador de futebol, isso em 1970. Por quê? Porque a única maneira de passar despercebido na televisão, era ter um protagonista jogador de futebol que era a grande máxima...

Orador B: ...imagina anos setenta...

Orador C: ...de mil novecentos e setenta.

Orador B: ...nosso tri...

Orador C: Então, você tem, você tem a Visita da Velha Senhora que se transformou em Tieta, você vai vendo que: nenhuma história é nova, galera. O que a gente tá fazendo é lembrar pra readaptar, e se os autores que foram autores de cinema, de telenovela, ou de teatro...já fizeram isso, por que que a gente não faz até hoje?

Orador B: É...na verdade, gente, o único lampejo de originalidade que a gente pode ter hoje é a nossa forma de organizar...é... o nosso material diante da nossa própria criação porque, realmente...tá tudo, aí, né. Já foi falado, refalado, e, aí, é como a gente vai falar.

Orador D: Tem um...recentemente, eu, eu li um livro sobre criatividade, um dos autores é o Daniel Goleman e, aí, ele diz o seguinte: que a criatividade, ela é uma, uma nova formação de ideias, mas ela precisa ser aceita pelo público porque se a coisa for tão diferente, ficou tão disruptivo e o público não tiver capacidade de compreender e ela não for aceita, ela é esquecida. E ninguém mais lembra que aquela coisa, né, que aquele, aquela obra existiu. Então, ela, ela precisa ter elementos disruptivos inovadores, mas ela também precisa ter elementos que vão conseguir conectar com o público presente. Se não, ela é esquecida.

Orador C: Nossa, que legal.

Orador B: Que incrível mesmo. Cara, e, aí, agora eu tava lembrando, né, aqui da peça, que um outro momento que pra mim também...é... aquela porradinha na boca do estômago porque quando ele vai ficar...

Orador A: Aquela porradinha na boca do estômago...

Orador B: ...é... sabe...

Orador A: ...aquela bolada na úlcera...

Orador B: ...é... vocês já caíram assim também de bunda bem chapado, que as pessoas vão te perguntar: "Cê tá bem?". E, aí, você fala...não sai voz...

Orador D: Já...

Orador B: ...não sai voz, é só isso...foi mais ou menos a sensação que eu tive, cara, juro, quando...ele, a priori...é... tem garantido pelo pessoal do jornal local de que...toda pesquisa e todo laudo que ele escreveu vai ser publicado. E, aí, depois da visita, ele por ser um, um...cara...como que eu posso dizer...muito honesto, ele não só passa essa pesquisa, esse laudo, né, pro pessoal do jornal, como ele também passa pro irmão dele pra que o irmão não se sint...é...pego de, de calças arriadas, sabe, assim, sem imaginar do que iria acontecer e, na madrugada, né, que é muito...assim...que nem várias leis que são aprovadas, a gente tá falando aí do agronegócio...é...e do uso de agrotóxico...é...eu, porra, tava lendo essa obra esse ano e, aí terminei, eu coloquei...vai, fui zapear na tv, parei no Fantástico que tava tendo uma reportagem falando...de Bonito, que, na verdade, é lindo. Né? Um lugar incrível. E que também é turístico...e... tem as águas límpidas que estavam...uma, um dos rios estava ficando com as águas turvas, por conta de um mal-uso do, do solo, por conta do mesmo do agronegócio, indiscriminado, e prejudicando os lençóis freáticos e esses detritos sendo, sendo depositados no rio. Cara, eu falei: "Caralho, cabe de ler isso aqui, né, é... quase a gente vendo a nossa realidade um delay de cento e cinquenta anos...

Orador C: Explica, totalmente, a, a reação das personagens, porque são as personagens que a gente questiona por não admitirem o óbvio...é a sociedade contemporânea.

Orador B: Não, total. E, aí, cara, o advogado do, desse...tinha um cara que tinha, acho, mais de cento e cinquenta quilômetros, gente, de agronegócio nessa região. É... e ele falando: "Olha não tem nada...". É...do EMBRAPA, não sei exatamente qual é o órgão, falando que isso aqui é uma área de reserva ecológica e que não sei o que lá... e ele amparando, se amparando pela justiça do que ele tava causando. E as pessoas só estavam preocupadas porque começou a afetar turisticamente, então, é...é... comércio começou a se sentir prejudicado diante das visitas turísticas, mas não se leva em consideração...é... a perda de bioma, né, é... toda uma questão de equilíbrio ecológico.

Orador C: Ver você falando assim me faz pensar aqui pertinho de Brasília, em Goiás, mesmo e Abadiânia. Abadiânia, Alexânia. não sei, onde foi feito aquela denúncia, o falso médium, o charlatão João de Deus...

Orador B: Ah sim...

Orador C: ...acabou o comércio local porque não tem mais mito, não tem mais essa persona que alimenta os pequenos mercados... porque é um pequeno condado, né, sem a figura mítica do João de Deus, acabou...acabou a cidade.

Orador B: Nossa, gente, ainda usa a fé alheia pra cometer atrocidades, né, então...é... tudo em favor do lucro, do negócio, então, realmente, essa virada da imprensa marrom, né, que um

médico, né, coitado. O Thomas jurando que ia ter a sua publicação ali toda transcrita pra que, na verdade, a gente trabalhasse um processo de conscientização...é... ele passa a ser vilanizado diante do...de mostrar o que é fato, que é real, o que a gente deveria saber.

Orador C: Tirar os pilares de um sistema já todo organizado, equiparado...

Orador B: ...exato...

Orador C: ...e acatado por todo mundo.

Orador C: Exato.

Orador D: O que é interessante na peça também observar é... que ele faz analogias muito interessantes, por exemplo, a peça é uma peça considerada naturalista. É... o naturalismo na literatura e no teatro, ele é um movimento que vai se embasar no cientificismo e pro cientificismo, o homem é fruto do seu meio... né. Ele se baseava em muitas teorias sociológicas que tavam surgindo na época, e ele vai dizer o seguinte, aqui na peça, você vai entender que o Ibsen quer dizer o seguinte: que não só as águas estão poluídas, mas as pessoas também estão eticamente poluídas, as pessoas estão erradas...né, as pessoas estão indo em favor do que é ruim. E o doutor Stockmann, ele tem até que fazer uma limpeza das águas, mas essa limpeza das águas é, também, uma limpeza das pessoas.

Orador B: Total, Lu.

Orador D: Né, é uma espécie de, de...de, de higienização, de tirar o que é ruim e ele não consegue.

Orador C: Utopia. Uma utopia.

Orador D: Uma utopia.

Orador B: Não, ele não consegue, inclusive, esse é o aspecto que ele fica disposto a trabalhar no final depois que ele é rechaçado por toda a cidade, falando: "Caraca, eu vou pra periferia encontrar onde eu posso, talvez...fazer esse trabalho...". Que incrível tu falar isso porque eu sempre cito essa frase que é do TCC da Ana Flávia, nossa apresentadora também aqui do programa...é que falava sobre estar bem adaptado a uma sociedade doente que não é menor sinal de saúde...né. E exatamente disso que o Ibsen tá falando nesse contexto.

Orador C: Sabe o que me dá raiva, gente, olha, a gente deu tantas referências cronológicas, de pesquisas referenciais de outros pensadores, essa obra é de 1882. Esse cara morreu em 1906. Se a gente vai abrir uma peça num teatro qualquer com o Inimigo do Povo, vão chamar a gente de esquerdinha e dizer que a gente tá querendo ir pra Cuba como se fosse uma ideia que a gente teve agora. E é esse, é, é essa questão, é este o problema, é pensar que: nada tem uma referência bibliográfica. Que aquilo que é colocado em quanto obra de arte, foi definido ali na

hora do almoço, quando na verdade, muita gente pensou nisso antes de nós, e o que a gente tem feito é o que todo artista faz: a perpetuação da espécie, no nosso caso, é a perpetuação do pensamento crítico, do pensamento poético, o que a gente faz é usar essas obras, parafraseá-las poeticamente e seguir fazendo.

Orador B: Show.

Orador C: Bem por aí né.

Orador B: Show de bola, eu fiquei emocionado...

Orador A: Eu acho que tem uma questão, uma questão que eu acho pro nossos, os nossos ouvintes podem, de repente, quem ainda não se conquistou até esse momento e pensou: "Caraca, eu tenho que ler esse texto." Assim, talvez, uma das coisas e eu vou falar aqui uma coisa aqui que...enfim, não é pra cortar, Henrique, deixa. Mas é o seguinte: se tem uma coisa que esse governo...do Bolsonaro vai deixar es-tra-ga-do, vai ser uma merda no sentido de, de impossível a gente conseguir recuperar facilmente, vai ser o meio ambiente. Isso, isso...

Orador B: Total.

Orador A: ...realmente a gente vai fazer assim porque a gente botou um conspiracionista da terra plana maluco que é esse cretino desse Sales, que é um ca-na-lha, é um canalha, não corta isso.

Orador B: É um cuzão, cuzão.

Orador A: Ca-na-lha. Esse cara é um canalha e botamos, assim, a galera mais zoada pra cuidar de uma coisa que...interfere, e que se der algum peteco, a escala não é só global como ela é escalonada num problema geral que vai...escalonar em outra, que acavala em outra, que acavala em outra, vai ser, tipo assim...é um peteco, cara, é um peteco serião. E eu acho que uma das piores coisas que vai rolar no governo, que vai deixar realmente com marca problemática, vai ser o meio ambiente. E esse texto...tem tudo a ver... sabe, com esse assunto. Tem tudo a ver, tipo assim, a gente agora no Brasil... sabe, no Brasil, não é no mundo, é no Brasil do Bolsonaro, você lê o texto...é... É importante... Vai ler o texto.

Orador D: Só uma...só um comentário, Gustavo, disso que você tá falando, eu acho que o ego humano é muito grande, né, é porque nós temos a ideia que nós somos separados da natureza e que nós temos que proteger o meio ambiente...

Orador A: Sim.

Orador D: ...gente, a natureza, ela se organiza independente da gente, né, você vai lá, constrói a sua casinha, você trabalhou trinta anos, constrói sua casinha na beira da praia...vem um tsunami e destrói tudo. Então, nós temos que olhar pra natureza com medo, de qualquer ação nossa, vai prejudicar um...um ecossistema que a gente não domina e não controla.

Orador B: É...

Orador D: Então, vai se voltar contra nós e contra a humanidade...contra nós...

Orador B: Total.

Orador D: ...contra a vida...porque, assim, a, a gente, sei lá, podem jogar uma bomba atômica e acabar com todos os sete bilhões de pessoas. A natureza vai se organizar e vai se...e vai renascer, sabe, o planeta vai continuar existindo. Nós temos que, que nos cuidar, não é nem a gente ter que cuidar do meio ambiente. Essa ideia tem que vir reversa, a gente tem que se cuidar e pra gente se cuidar...a gente...

Orador B: Entender como parte desse meio...

Orador D: Sim...

Orador B: ...que é o que você falou que é uma parada realmente pesada...

Orador D: Pesada...

Orador B: em que...até conjunturas religiosas...é... monoteístas... a gente teve um afastamento da natureza muito...

Orador D: muito...

Orador B: ...grande quando a gente colocar Deus lá em cima, longe do homem.

Orador D: Exato. Deus é separado da terra, Deus criou a terra, e o homem é feito a imagem de semelhança de Deus...

Orador B: E aí...

Orador D: ...que é uma coisa tão louca.

Orador B: É.

Orador D: Né, porque quando você olha, por exemplo, as, as religiões pagãs, o homem e a natureza são a mesma coisa...

Orador B: Mesma coisa...

Orador D: São a mesma coisa, né.

Orador B: E até os poderes desses deuses são manifestações naturais.

Orador C: Eu acho que a Ana Flávia Garcia falou uma vez em um podcast nosso que também um problema que veio na época do rena, um pouquinho antes do renascimento ainda, foi: você tirar a propriedade da mãe natureza enquanto instituição feminina...

Orador D: Sim...

Orador C: ...e transformar em Deus, né.

Orador B: Eu acho que foi no do Apocalipse porque...

Orador C: Foi esse...foi

Orador B: ...eu escolhi a, a Vênus de Willendorf...e aí, a gente falou bastante desse aspecto...

Orador C: Todos os esses filmes do tipo Armagedon...essas coisas pós-apocalípticas, pra mim não são nada diferentes do que tá muito perto da gente agora...sacou?

Orador D: Uhum.

Orador C: É, é esse momento: a falta de água, a disputa territorial, o mínimo, né, quem tem um pouquinho de grama, tem tudo, né, pra mim é isso mesmo que a gente tá nesse instante mesmo...

Orador D: Meu pai me conta uma história que eu adoro e eu não sei onde ele viu isso, acho que ele leu em algum livro do Jorge Amado, ele conta uma história que é maravilhosa. Meu pai é de Itabuna, Itabuna é uma cidade na Bahia...que....cresceu muito com a economia do cacau...né, tinham vários fazendeiros que plantavam cacau...

Orador B: Do lado de Ilhéus né...

Orador D: Ilhéus...bem pertinho...

Orador B: É... bem pertinho.

Orador D: E, aí, é, é uma cidade que prosperou muito com a... venda do cacau pra fazer chocolate, isso, assim, início do século vinte até o meio do século vinte, até a década de cinquenta, mais ou menos, hoje você vai em Itabuna, você vê aqueles lugares todos descampados...não se produz mais cacau ali há...a, a cidade, a economia da cidade entrou em colapso. Mas a história que ele conta é o seguinte: existiu uma peste, uma, uma...é... é uma peste mesmo na, na, na planta chamada Vassoura de bruxa.

Orador B: Isso.

Orador D: Era um fungo. Que surgia na, na, na planta do cacau.

Orador B: Assim como no café...

Orador C: No café também...

Orador B: No café também, a mesma praga...

Orador D: Ah sim...e tinha um passarinho que comia essa praga quando ela tava nascendo, ele comia praga, nome desse passarinho é Gil-Pará. Só que os peões que trabalhavam nas fazendas e cacau, eles passavam tanta fome que eles comiam os pássaros e, com o tempo, os pássaros pararam de existir e de comer o fruto da peste, né, a, a...e, aí, o cacau começou a morrer e a sociedade inteira entrou em colapso.

Orador C: Caramba...

Orador D: Então é isso, cara, a sociedade, ela é cíclica, se você deixa um ponto abandonado, tudo entra em colapso, a gente não tem essa visão...é...do macro sistema, né, a gente pensa no, na, no pequeno, no eu, eu preciso, né. Não, gente. É todo um sistema muito complexo.

Orador B: E, mais uma vez, o que a obra propõe, né, quando ele entende que...aquela população, realmente, tá tão contaminada quanto a água...e que ele vai ter que trabalhar na base...na estrutura e na periferia pra tentar....talvez um dia chegar a uma mudança macro, ele vai ter que investir no micro, só que trabalhando uma questão de conscientização humana e da gente sentir parte disso tudo, e não...achar que não vão, não ter consequências, porque eu odeio o termo "catástrofe natural".

Orador D: Sim...

Orador B: Catástrofe natural, gente, a gente tá criando essa merda o tempo inteiro, caralho, desculpe, Henrique, pode editar.

Orador C: E olha que a gente tá falando do elemento apenas textual, né, que tá no livro...que tá na obra teatral escrita. A gente nem entrou em exemplos e modelos porque que o Inimigo do Povo e qualquer outra obra teatral pode se transformar.

Orador B: Total. Agora...tem uma ceninha que eu adoro... aí, essa eu acho divertida, pra mim acho que tá...

Orador D: do Bêbado...

Orador B: É. E... essa é incrível e de quando o irmão se esconde no jornal, o prefeito, e ele indo lá pra saber que que tá acontecendo, né, com a matéria dele e tal e... percebe que o irmão estava lá. E... que ele foi envenenado e ele vai atrás...poxa, é uma cena de disfarce...e... revelação que...comicamente, eu falei: "Ai, que bom, é um momentinho pra gente se divertir". Mas pra gente ver o quanto o prefeito é um cagão, né....é...

Orador C: Como essas figuras são cagãs...

Orador B: Que não...é... elas são...realmente e, e... e, aí, a gente não consegue, né, tirar esse aspecto... da referência do momento em que estamos. A gente vê as plataformas dos políticos eleitos e as condutas adotadas...e elas são...gente, não é nem só que ela é....ah fugiu, não ela é díspare, é quase uma dicotomia. Eles fazem o contrário do que diziam que fariam...então...é... a gente tinha que ter um momento...pensar uma forma de descontaminação...desse...dessa estrutura como um todo, né.

Orador D: Uhum.

Orador B: E, realmente, é trabalhando com a educação...dos novos.

Orador D: Olha...uma coisa legal...é...,voltando um pouco pra peça, é...que eu queria comentar é que eu tenho lido um sociólogo chamado Jessé Souza e ele tem sido fundamental pra...pra mim, assim, pra compreender, é...o momento que a gente tá vivendo no Brasil. E o Jessé é muito interessante...porque ele...ele...ele faz uma...ele faz uma divisão entre as classes

e ele faz com que a gente entenda como cada classe social funciona. Né...pra que a gente entenda os mecanismos de poder...é... que regem, aí, a nossa nação. Bem, como é que ele divide a sociedade, ele diz que existe uma elite, muito pequena, e quando eu falo de elite, eu não digo, não tô falando do cara que tem uma casa no Lago Sul, ou um apartamento em águas claras.

Orador B: Não é classe média não, gente...

Orador D: Não é classe média...

Orador B: Não é classe média...

Orador D: Gente, elite, elite...

Orador A: Só contextualiza o que que significa ter uma casa no Lago Sul ou Águas claras pra ouvinte que nunca foi à Brasília...

Orador D: Desculpa, são em áreas...desculpa, meus amores, são em áreas mais nobres da cidade, quando a gente fala em elite, a gente tá falando dos donos do meio de produção. Então é o cara que é o dono da, da terra, é o cara que é o dono dos bancos. Essa, essa pessoa é elite, tá. É a pessoa milionária.

Orador B: Não é gente que ganha cinco mil e acha que é elite não, gente.

Orador D: Não é. Beleza. Então, tem as elites... que ela é numericamente muito ínfima, muito pequena, nós temos uma classe média e nós temos o povo, que é grande parte da população. A classe média sendo uma, uma classe totalmente heterogênea, né, porque ela tem vários salários, ela também é uma classe de poder que se destaca, às vezes, também por um poder apenas intelectual, então você tem uma formação nível superior, mas não tem muita grana, você também é classe média ali na situação. E, aí, o que o Jessé diz: ele diz que a elite, ela...ela domina os meios de produção, mas ela é numericamente pequena. Então quê que ela precisa? Ela precisa de um acordo invisível com a classe média pra que a classe média compartilhe dos seus valores. Então, a classe média são os juízes, os advogados, os professores, os médicos, os comerciantes que compartilham dos valores da elite...

Orador C: É muita gente, né, que paga...

Orador D: ... sim...

Orador C: ... esse luxo.

Orador D: ... sem ser elite contra o povo. Então, nós temos, por exemplo, uma ideia amplamente... é... defendida pela classe média que é uma ideia da meritocracia, por exemplo.

Orador C: E que é uma merda, né...

Orador D: E não existe.

Orador C: ... ela defende na verdade só elite, né.



Orador D: Exato. E a elite não está a favor da classe média. A elite está a favor de si mesma. E, aí, voltando aqui pra peça do inimigo do povo. O personagem e é muito interessante que quando eu leio, eu vejo uma, uma alegoria do que Jessé Souza fala, porque ele fala, por exemplo, aparece uma personagem chamada Morten Kill que é uma personagem que quase não aparece, ele veio no início da peça e no final da peça. E esse cara é o dono do curtume. O curtume é o que está poluindo as águas, então esse cara é a elite, esse cara é o dono do meio de produção. Daí ele é um cara rico. E ele está junto com o prefeito, prefeito defende as ideias do Morten Kill, como os políticos defendem a ideia da grande elite e nós não vemos a grande elite. Nós achamos que o problema da sociedade é o congresso, não, gente. O congresso é só o que aparece...

Orador C: Uhum.

Orador D: ... congresso também é ruim, mas o que, mas aquela elite que está por trás do congresso...

Orador C: Perfeito.

Orador D: ... grandes bancos entendem essa analogia. Então que que acontece...

Orador C: Tem uma escala, aí, né, Lu...

Orador D: Sim.

Orador C: Só pra dizer que a imprensa também defende o discurso...

Orador D: Sim.

Orador C: ... dos políticos que tão em defesa da elite, então, tem uma escalinha...

Orador D: Sim, porque a imprensa, os jornalistas também fazem parte da classe média e compartilham...

Orador C: ... dos princípios...

Orador D: Sim.

Orador C: tortos, né.

Orador D: E se a gente pensar na ideia também, ah vou voltar pro Morten Kill, mas eu queria fazer uma, uma pequena observação, é que, por exemplo, quando ele vai procurar na periferia, é isso mesmo, né, tipo, quando você chega aqui nessa base, nessa classe média já tá esgotada a possibilidade de reflexão. Então, se você vai na periferia tem o movimento negro, movimento feminista, essa galera tá propondo de fato uma nova sociedade. Mas voltando pra cá, pro Dias Gomes, Dias Gomes não, desculpa, pro, é, pro Ibsen. O Morten Kill, que que ele faz, ele é o dono do curtume e, aí, quando a, começa a se espalhar a notícia de que o curtume está poluindo as águas e que a cidade estaria contaminada e o turismo seria prejudicado, as ações da companhia balneária cai. Quê que o Morten Kill faz? Ele vai lá e compra as ações...

Orador C: Olha, olha...

Orador D: ou seja, ele se beneficia de todos os lados, ele é dono do curtume, ele ganhou dinheiro com o curtume e agora ele se beneficia porque ele comprou as ações da companhia balneária. Então, a elite, ela sempre se beneficia e nós, enquanto povo, nós estamos sempre aqui na mão dessa, dessa elite, sofrendo, como por exemplo, a Vale do Rio Doce...

Orador C: Sim, gente...

Orador D: ...né. Que que causou um desastre ambiental social, filosófico...

Orador B: ... moral...

Orador D: Irreversível.

Orador B: Depois de Mariana, a gente vê isso tudo de novo...

Orador D: Irreversível, é irreversível. E, aí, se lançou a ideia de que eles iam pagar uma indenização de cem mil reais pra cada pessoa e não pagaram.

Orador C: Sim.

Orador D: E eles devem, olha, eu não sei por que não li os documentos, eu tô por fora, mas eles devem ter se beneficiado também desse desastre. Eles devem, eles devem ter comprado, sei lá...

Orador B: É... no caso da mineradora, só pra te dar um...

Orador D: Ahã.

Orador B: Uma coisa legal. Toda pessoa que vai ganhar na megasena, ela é instruída pela, pelos bancos a comprarem caminhões gigantescos que são os caminhões que operam as minas. As minas lavradas, então se eu sou ganhador da megasena, ou de qualquer outra loteria que seja dentro do governo...

Orador C: Ahã.

Orador B: ...eu sou instruído a comprar um desses equipamentos, eu me torno um dos sócios que vai ganhar royalties em cima disso. Então, o problema de Mariana, ou dessas todas mineradoras, é que os donos são civis que enricaram muito cedo. Logo, eles não podem ser afetados com problema de ação, das ações.

Orador C: Sim...

Orador B: Então nunca vai ser solucionado.

Orador C: Cara, é, mas é que...

Orador B: Nunca, é doido, né.

Orador C: Quando a gente viu brumadinho...

Orador B: Nunca vai ser solucionado.

Orador C: ... num replay ainda mais trágico, é... a gente fica sem esperança, né.

Orador D: Sim.

Orador C: Mata, mata.

Orador D: E, aí, é muito louco. Porque o que que a mídia mostra quando mostra Mariana, ela mostra um bombeiro ajoelhado na lama, tentando tirar uma pessoa de dentro da lama e você se comove com a situação daquele bombeiro, da pessoa que foi tirada de dentro da lama e você pensa: "Nossa, olha, existe esperança porque tem o bombeiro ali pra salvar." Mas...

Orador A: O bombeiro ainda continua sendo o estado, né.

Orador D: ... você não pensa no grande empresário, você não vê o grande empresário que tá ali. Por que que eles não falam do quanto que essa empresa lucra e do grande empresário, do cara da elite que tá ganhando e que tá pouco se fudendo pra mulher que tá dei, dentro da lama e pro cara que tá puxando ela de lá.

Orador C: Sim.

Orador D: Não é um problema pequeno, do cara que foi voluntário pra tentar tirar as pessoas da lama, como se a gente aqui, enquanto cidadão, pudesse resolver...

Orador C: Resolver.

Orador D: Não, aqui no, no, no ombro a ombro sabe? É um problema com uma escala muito maior, né. E, eu acho que quando o Ibsen mostra esse pequeno caso isolado numa pequena cidadezinha balneária na Noruega...

Orador C: Uhum.

Orador D: ...ele tá falando de uma sociedade muito grande e muito complexa.

Orador C: É, é...

Orador B: Né.

Orador C: E isso é rico na obra dele, né, como um recorte tão específico e preciso, é... ele mostra um problema que tem a ver... olha que loucura, como o Ibsen era a frente mesmo, com a nossa questão da globalização... e da, de manter essa manutenção das pequenas elites, pequenas famílias que controlam grandes... é... quantidades de dinheiro absurdas, né, na verdade, uma distribuição de renda escrota, é... e que a gente precisa de fato trabalhar nessa base e que a classe mérdia não quer.

Orador D: Sim.

Orador C: Não quer ir lá pra periferia.

Orador B: É. Sociologicamente falando... é ruim não pensar em solução porque se você pensa que todo esse modelo que até o próprio Ibsen seguiu quando escreveu, é um modelo de uma mistura entre o sistema egípcio de organização social e o sistema romano de organização social. O que a gente tem hoje, é sempre uma mescla do que que o Egito, a sociedade antiga do Egito, sociedade romana, conseguiram juntar pra que a gente vivesse. Todos esses conceitos, por mais que a gente tenha documentos gregos que expliquem várias questões, a organização social do jeito que a gente entende hoje. Você faz cocô na privada, o cocô vai no cano, o cano vai no mar, isso é o modelo egípcio que Roma desenvolveu melhor depois. Me dá impressão de que ou se, se acontece uma hecatombe onde se reconstrua um novo modelo de vida ou não se resolve. Porque tanto você quanto eu estamos no modelo que a gente não conhece o outro, não conhece. Por isso que a gente também fica nessa questão de: "Ah invasão alienígena.". Porque de fato... não consegue.

Orador D: Mas a gente não vai conhecer porque como o Ibsen faz...

Orador B: É.

Orador D: ...no final.

Orador B: É, pois é.

Orador D: O final da peça, o novo, ele é o aberto, ele é o desconhecido, a gente não sabe. E, aí, eu acho que por isso enquanto sociedade, a gente tem sempre que tá ligado pra, pro que tá rolando na periferia...

Orador C: Total.

Orador D: ... porque não tá no centro.

Orador C: Total.

Orador D: O que que as pessoas tão pensando, que que as pessoas tão fazendo... o que, sabe? Qual, que formas, que novas formas de viver e ver, as pessoas estão inventando pra que a gente, né. Porque quando a gente... enquanto sociedade, a gente... é... a gente fica satisfeito com que a gente tá vivendo, a gente para.

Orador C: Não, tanto que fica tranqüilão, acomodado, né.

Orador D: E, aí, a gente perde essa ideia do movimento, do fluido, do novo...

Orador C: Sim... no sentido, Lu, que eu acho que a grande mensagem que fica, né, quando o... pra mim, isso foi uma capacidade muita grande enquanto personagem, eu fiquei pensando, claro que partiu da cabecinha do autor, né. Mas, dele não desistir, mas movido pela incerteza porque a certeza, ela, ela mobiliza muito, né.

Orador D: Sim.

Orador C: Então, essa possibilidade de a gente duvidar ainda e não se dá como vencido, rendido, eu acho que a grande mensagem que fica... diante desse contexto bizarro, né, e que a

gente se deflagra com ele constantemente, né.

Orador D: Uhum.

Orador A: Engraçado é pensar que esse texto, cara, essa peça foi escrita em mil oitocentos e oitenta e tantos, né...

Orador C: Oitenta e dois.

Orador A: É mil oitocentos e oitenta e dois, né. Pensa num, é muito doido parar pra pensar nisso que o cara, o cara... primeiro, ele é um pouco triste, parece que a gente não resolve esses problemas mesmo, né. A gente só resignifica porque cê pensa que o cara tava escrevendo uma peça que, ele não tinha internet, não tinha nem luz elétrica, cara.

Orador C: Sim, sim.

Orador A: Não tinha nem luz elétrica.

Orador C: Sim.

Orador A: Tipo, não tinha internet, não tinha rede social, não tinha nada nada do mundo. O mundo era outro mundo e o âmago, o problema, o core da questão é exatamente o que a gente tá passando hoje com toda essa tecnologia, sabe? E, assim, é uma coisa...

Orador C: Total.

Orador A: ... é uma coisa de você ficar um pouco deprimido, mas ao mesmo tempo de mostrar que... ele, a gente tá alertando essa história, né, pro público. Porque em parte é...

Orador C: E tem tempo, né.

Orador A: Tem tempo que a gente tá alertando mesmo... já tá falando...

Orador C: Não, migo, e é muito doido...

Orador A: ... presta atenção nisso, cara, poxa.

Orador C: Caralho, cê falou um negócio mesmo, ele parece que fala... de um problema que no mundo globalizado, é... a gente percebe, mas não é porque nem tinha luz direito.

Orador A: Uhum.

Orador C: Que loucura, né. Que alcance. Esse é o verdadeiro conceito de um dramaturgo de vanguarda, né?

Orador A: É.

Orador C: Cara muito, muito à frente do seu tempo. É, gente, eu não sei, mas eu fiquei com vontade de ler de novo.

Orador A: Sim, eu também.

Orador C: Ahh.

Orador B: É, eu também.

Orador D: Sim. Eu achei a, uma peça muito interessante, assim, é, só queria fazer uma parte... é... já que eu falei do Jessé Souza, um sociólogo que tem me impressionado muito, que ele diz que nós conhecemos a nossa sociedade pelo, pelas nossas instituições. Então, quando cê quer entender como a sociedade funciona, vai lá. Quem, que instituições que regem aquela organização social?

Orador C: Uhum.

Orador D: No caso do Brasil, o Brasil foi um país predominantemente escravocrata...

Orador C: Uhum.

Orador D: Escravidão durou trezentos anos e essa foi a base da nossa sociedade. Então mesmo que abolição, né, entre aspas, tenha vindo, a gente ainda é uma sociedade escravocrata.

Orador C: Total.

Orador D: Então, olhar o Ibsen propor, e fazer essa analogia com o trabalho do Jessé é legal, mas a gente não pode esquecer da, da coisa, da principal reflexão que o Jessé parte que é essa ideia da sociedade escravocrata. E que explica muito bem... é... o, o, o eleitor de Bolsonaro. Segundo o Jessé, o eleitor de Bolsonaro é o pobre branco, é o branco pobre que a única certeza que ele tem nessa sociedade escravocrata e desigual que ele é superior ao homem negro.

Orador :Total. Que ele ganha três paus e acha que é elite.

Orador D: Que é elite. E que ele é superior a pessoa negra. E quando ele vê uma pessoa negra em ascensão, por meio de políticas afirmativas, ele acha que aquilo vai tirar dele a única coisa que o torna digno.

Orador C: Não e aí...

Orador B: O que é tão pouco ainda, né.

Orador D: E ele não pensa, por exemplo, que, ele pensa o seguinte: esse cara negro que entrou na faculdade por causa de cota vai tirar o meu emprego. Mas ele não pensa que quem gera o desemprego é a elite.

Orador C: Não, total.

Orador D: Não pensa...

Orador C: Dívida histórica é negligenciado, né...

Orador D: Sim.

Orador C: Assim, é muita ignorância, é, e não querer se deparar porque as pessoas, elas tão negando isso. Como negam o fato de que então: "Ah, no Brasil não houve ditadura, houve o regime militar." Ah, gente.

Orador A: A revolução de sessenta e quatro.

Orador C: A Revolução de sessenta... ah para...

Orador A: Mas tem gente falando até da terra plana, né, cara.

Orador C: ... vamos parar de distorcer, né.

Orador A: Tem gente, antigamente, falando...

Orador C: Pois é, pois é. Terra plana é a pior.

Orador D: Terra plana, eu não discuto. Terra plana, eu não discuto. Quando chega na terra plana, eu falo: "Não, parou."

Orador C: É porque burrice tem limite, caralho.

Orador A: Pois é. A gente, a gente tem...

Orador C: Desculpa.

Orador A: ... o pessoal do alto escalão falando nesse sentido, realmente, não de brincadeira, mas de verdade, tipo: "Ah, eu não quero também debater esse assunto porque cada um tem uma certa opinião." Não, a terra plana não é uma parada de ter opinião, ah tem a minha, cê tem a sua, não é isso...

Orador C: Gustavo.

Orador A: ... nós tamos nesse momento, cara, nós tamos nesse momento.

Orador C: Gustavo, sabe o que isso me lembrou? Aquela história da sua aluna, conta ela pra gente.

Orador A: Qual?

Orador C: É... de que você falando...

Orador A: Qual delas?

Orador C: ... acho que dos dinossauros e ela falando: "Não, isso não existiu. Eu não acredito". Cara, uma loucura.

Orador A: Não, foi assim, eu tava dando aula, tava dando aula no... no terceiro no, acho, do segundo grau. Tipo, alunos que dali a um ano estariam ingressando na faculdade.

Orador C: Do ensino médio, amigo, do ensino médio.

Orador A: É.

Orador C: Isso aí você fez que nem eu fiz. Cara, anos oitenta total.

Orador A: Verdade, não é mais segundo grau, é ensino médio. É... aí, eu tava dando aula no ensino médio e o aluno, aí, falando sobre a arte rupestre, era, enfim, era história da arte rupestre e tava mostrando, né, como é que os homens apresentando e "Aqui tem um desenho e não sei o quê." Tava lá aloprando um pouco e, aí, um aluno perguntou: "Tá, mas e os dinossauros?" Aí, eu falei: "Não, dinossauros tão milhões e milhões de anos antes." Isso foi o primeiro baque que tive, porque muito deles não sabiam que os seres humanos não conviviam com os dinossauros porque a única informação que eles têm, é o dinossauro do Jurassic Park, né. Tipo, eles acham que é o Jurassic Park.

Orador C: É, além da imaginação.

Orador A: Aí, ele: "Sério?". E eu falei: "É, não, são milhões."

Orador C: Chocados, chocados.

Orador A: E, aí, eu fiz um desenho na sala porque tinha quadros, eu botei tipo, sei lá, o trisseraptors, aí fui fazendo uma linha em volta da sala toda, assim, até perto da porta. Dei, tipo, duas voltas, três voltas na sala fazendo uma linha, aí, cheguei: "Ah, aqui, sei lá, é o tiranossauro rex." Eu não lembro mais, eu tentei distribuir visualmente no espaço pra ele ver a distância que tá, sabe, de um pro outro, assim. E, aí, ele ficou impressionado e começaram a falar muito: "Ah você entende de dinossauro." "Não, eu não entendo nada de dinossauro. Tem que perguntar pro professor de geografia, professor de biologia, esses caras que entende." E eles começaram a ficar muito excitados pra falar sobre dinossauro, sabe, e eu também adoro esse assunto. E a gente ficou, tipo a aula mudou, a gente ficou falando disso, disso, mas tinha um aluno que tava muito sério me olhando, assim, sabe?

Orador C: Chocado.

Orador A: E, aí, foi, aí, ele foi e levantou a mão. Eu nunca tinha ouvido a fala, a voz dele, ele sempre foi muito sério, assim. Ele levantou a mão e, aí, todo mundo ficou calado e, aí, ele: "Professor, cê acredita mesmo nisso?" E, aí, tipo assim: "Como assim acredito nisso?". E ele: "Cê acredita mesmo nisso que, que... existiu essa história toda de dinossauro? Sério, cê acredita mesmo, professor?"

Orador C: Afe, sério.

Orador A: Cara, e eu, me deu assim, eu assim, além da gastrite, eu fiquei assim sem... é porque eu não tenho alma, porque se eu tivesse, eu tinha ficado sem espírito naquela hora.

Orador C: Migo, eu acho que teu espírito foi embora esse dia.

Orador A: É.

Orador D: Foi embora pro Canadá.



Orador C: Ele falou: "Chega."

Orador D: Ele desistiu do Brasil.

Orador A: É, cara, eu me sentei assim e falei: "Cara, como assim?". Menino, sei lá, velho com barba na cara já, sabe?

Orador D: Eu sei quem era esse aluno, Gustavo. Nando Moura.

Orador A: Não, cara, não. Mas, aí, eu falei: "Como assim, cê não acredita." E ele "Não..." Aí, ele começou a debater, então um pouquinho, mas depois ele desistiu de mim, tipo, porque ele não queria ouvir a minha resposta. Ele só queria contestar e pronto. E, aí, vários alunos ficaram: "Ah ele não acredita, ele acha que é tudo invenção." Aí, eu perguntei: "Mas você acredita que é invenção?". Ele: "É, isso alguém inventou na história pra poder, é... iludir as pessoas, não é verdade isso. "

Orador C: Porque Deus inventou a terra, né, amigo.

Orador A: Aí, ele veio com esse papo, ele era muito católico... é... da linha dele, eu acho que ele era muito... eu não lembro qual a linha do católico que ele era, mas ele era bem católico. Ele tinha camisetas, é, da marinha de não sei o que...

Orador C: Persegue-me, ele era do persegue-me.

Orador A: É, eu não lembro bem a linha também, sabe? Mas eu também nem sei se é por isso, sabe. Porque tinham alunos que eram muito religiosos, tinha uma menina que ela tava querendo estudar pra ser freira e ela era mais interessada, ela era mais... assim, então eu nem atrelo, associo a, a... questão da religião necessariamente. Esse menino que é doido mesmo.

Orador B: Gustavo...

Orador A: ... mais do que religioso.

Orador B: Dentro disso que a Luciana foi falando, desse apanhado histórico que ela deu e deu muito, de uma maneira muito eficaz. É, o risco é você dar margem, dar audiência a esse tipo de pensamento que vai em desencontro ao caminho da humanidade.

Orador A: Não, é, eu tentei debater, cara...

Orador B: Discutir a vacina, a importância da vacina, discutir a questão da terra plana... o que me incomoda é ver muitos canais do youtube falando: "E você, o que você acha não sei o que lá da terra plana?"

Orador A: Exato.

Orador B: Não, velho, pra mim isso é tipo um câncer. Isso é...

Orador C: Para. Para, gente.

Orador B: Isso é a praga, isso é uma praga tecnológica que vai disseminando pequenas

informações bestiais que acumulam um... algoritmos, mas não, não avançam.

Orador C: É.

Orador B: Mas não avançam, não fazem a sociedade crescer, sabe?

Orador A: Mas isso é uma coisa, assim, isso é um episódio a parte. Tipo, é uma outra conversa mesmo.

Orador C: Sim.

Orador A: Porque também isso tá distribuído, o absurdo desses assuntos tá também diluído em coisas que são críveis, que as pessoas acreditam que é verdade e ao mesmo tempo diluído com coisas sociais que a gente tá acostumado, que a gente neutralizou até chegar no que existe de verdade, entendeu? É um dégraté de informações e esse da terra plana, esse, a das vacinas, eles estão no extremo de uma linha que passa desde o início da religião, da astrologia, da homeopatia e vai passando por coisas que são socialmente aceitas, socialmente que a gente lida de outras formas, né, acreditar e ter fé. Que é uma coisa que existe, as pessoas têm fé. E, aí, isso levado no mesmo caminho a uma determinada extremo, a um determinado ponto pode fazer chegar nesse lugar, sabe, assim? Então, é bem...

Orador C: Mas homeopatia...

Orador A: ... complexo isso.

Orador C: ... pode, né, amigo? Mas Homeopatia pode, astrologia...

Orador A: Pois é.

Orador C: Pelo amor de Deus. Eu tô tomando rivotril há três meses, coloca embaixo da língua e tal. Tá me dando uma paz.

Orador A: Mas é...

Orador D: Eu também, eu tô tomando uma...

Orador A: Mas é exatamente isso...

Orador D: ... mudança de vida. Floral.

Orador A: A gente tá...

Orador C: Tô tomando um...

Orador A: A gente tá no mesmo lugar...

Orador C: É tudo no mesmo lugar.

Orador D: Mais rivotril, menos floral.

Orador A: Nesse mesmo ponto, de diluição do que é que a coisa acontece com a verdade que

essas informações são feitas, acho que tem tudo a ver com o nosso texto especificamente. Porque essa...

Orador C: Total.

Orador A: ... manipulação da verdade em prol em que você perdendo ou ganhando, você manipula o argumento, manipula a população pra que você ganhe sempre, sabe? E esse, essa é a grande coisa.

Orador C: Falou, falou agora o grande mote dessa história.

Orador B: Porque se eu tivesse numa peça escrita por qualquer dramaturgo em que a personagem principal falasse que floral não adianta, eu seria essa sociedade, eu seria o inimigo do povo também.

Orador C: Não era, amigo. Né, exatamente.

Orador A: Eu vou te dar...

Orador C: Não aceito.

Orador A: Eu vou te dar uma, uma...

Orador B: E a Aromaterapia funciona...

Orador A: Rapidinho, vou te dar uma notícia, Josué, que o pessoal fala, que o pessoal fala muito no portal dos dragões é que a homeopatia, ela tem o mesmo efeito do placebo.

Orador C: Show.

Orador A: Exatamente. Clinicamente comprovado que cê você acredita que tá tomando um remédio que vai te fazer bem, não importa, pode ser água, pode ser homeopatia tem o mesmo efeito.

Orador C: Vai te fazer bem.

Orador A: Ele funciona, mas ele tem o mesmo efeito do placebo. Ele é o, exatamente igual.

Orador C: Que nem meditação, que nem meditação.

Orador A: Exato, exato.

Orador C: E outras coisas. É isso, se faz bem...

Orador A: É.

Orador D: Olha, eu prefiro, eu vou falar a real, eu prefiro ficar lendo meu mapa astral e tomando floral do que vestir a camiseta da CBF e ficar gritando em volta de um pato amarelo no meio do congresso.

Orador D: Também. Também.

Orador A: Mas esse negócio do meu aluno que tem a ver com isso que a gente tá falando assim, o meu aluno, ele ficou nessa dúvida e ficou: "Não, mas isso não existe e tal." E todo mundo: "Ah ele não acredita nisso." E eu cheguei pra ele e falei: "Cara, mas como é que é possível você chegar nesse lugar com tanto fóssil, tipo tem milhares e milhares e milhares de pessoas..."

Orador C: Exato.

Orador A: ... estudando isso há anos, cara, tem tanto fóssil, museu. E ele: "Ah tudo isso, cara, é uma grande conspiração pra poder esconder a indústria não sei o que farmacêutica."

Orador C: A teoria...

Orador A: E, aí, chega no mesmo lugar de você falar: "Cara, cê não acha, é muito crentismo você achar que o mundo pode ser resolvido de uma forma tão simples que todos os seres humanos, ou uma parte deles, entraram num grande acordão, escondido por de baixo dos panos pra con...". Cara, a gente não consegue economizar água e a gente tá com um problema no meio ambiente porque a gente não consegue entrar em acordo com o vizinho, cara.

Orador C: Total.

Orador A: Você acha que, tipo, milhares e milhares de pessoas entraram num acordo pra fingir que existe fóssil pra poder manter, sabe, é muito idiotice, cara.

Orador C: É muito aquela música do Cazuza, né: "Não me convidaram pra essa festa pobre..."

Orador A: Exato.

Orador C: Porra, velho, sabe, irmão.

Orador A: É muito simplismo e, aí, chega no mesmo lugar. Tá, no caso dele, talvez fosse calcado na fé porque ele acredita que os grandes, os monstros da bíblia eram os vinculados desse... porque na bíblia tem a parte dos grandes monstros e tal...

Orador C: Ah tá e nisso ele acredita, mas no dinossauro... pô, beleza.

Orador A: Pois, é porque pra ele faz sentido. Porque, aí, entra na mesma coisa que eu falei da homeopatia, pra, quando funciona pra pessoa, quando funciona pra pessoa, pra ela funciona fica muito difícil de você mostrar que simplesmente isso já foi comprovado que não.

Orador A: "Ah, mas funcionou pra mim." Tá, mas isso não quer dizer que ela exista...

Orador C: Não adianta, amigo...

Orador A: Porque acontece que é uma coisa pessoal mesmo...

Orador C: Epistemologia.

Orador A: Exato. É uma coisa pessoal, assim, tipo, existe na mesma escala que existe o beijinho da mamãe no machucado da criança. Não é que não existe a, não acontece, não a

criança realmente se sente bem quando a vó pega no colo, fala: "Ok, eu vou assoprar aqui e vai resolver." Aí, assopra, a criança: "Passou? Passou." Porque pra ela realidade tá vinculado àquilo tudo e o placebo já é, o placebo é uma característica da medicina, eu não sou médico, gente. Mas...

Orador C: Sim, mas é utilizado...

Orador A: Que é utilizado, que é oficializado...

Orador C: Um procedimento...

Orador A: ... sabe que existe esse, essa coisa psicológica da gente se acreditar que vai funcionar, ela funciona até um determinado momento. É claro que se você der uma porção de cachaça enorme pra uma pessoa, a tendência que ela vai ficar bêbada, é muito mais do que se você der água...

Orador C: Sim.

Orador A: ..., mas se você der uma água específica com água, diluída em água, e falar pra ela que ela mudar quimicamente, ela se sentir assim, é claro que o álcool vai fazer muito mais efeito porque o álcool independe da pessoa acreditar.

Orador C: Não, migo, agora é só isso.

Orador B: Rapidinho, agora uma coisa muito legal.

Orador A: Se a pessoa pega um vidro de Rivotril, se a pessoa pega um vidro de Rivotril e toma inteiro, o vidro inteiro de Rivotril, ela não precisa, ela não precisa acreditar no Rivotril, cara. O Rivotril vai fazer uma diferença na vida dela, de fato. Ela vai morrer, sei lá. Mas se a pessoa pega um vidro inteiro de homeopatia e vira, nada acontece porque já fizeram isso.

Orador C: Fica bêbada. Pode ficar bem bêbada.

Orador A: Ou nada porque homeopatia diluída com água, não é com álcool.

Orador C: Ah... ninguém toma essa, Gustavo.

Orador B: Agora sabe que que é interessante, assim, é, a gente brincou, falou dessa... a gente foi pra esses outros caminhos, mas...

Orador A: Brinquei não, falei sério aqui.

Orador B: ... agora, isso na fala do Gustavo, esse aluno do dinossauro, essa pessoa da vacina, essas pessoas existem.

Orador C: É, da terra plana.

Orador B: E a gente, às vezes, acredita que elas são bestiais, são bobas porque não acatam uma ideia ou outra coisa. Só que elas existem e na lei da vida, elas também ganham força. Tem o Bolsonaro que é presidente do Brasil.

Orador C: Olha aí.

Orador B: Então acaba que, que a gente talvez por muito tempo, marginalizou esse tipo de pensamento e se esqueceu que essas pessoas existem, ganham poder e elas também um dia tomam a frente da sociedade.

Orador C: É, gente...

Orador B: Que elas fazem parte.

Orador C: É, mas a gente fala de um país, né, de estado laico e tem bancada evangélica, né, a gente tá querendo o quê?

Orador A: Falar sobre a literatura teatral nos leva e é um pouco prova disso, assim, né, essa conversa toda que a gente falou, a gente falou de luta de classe e tal. É porque o texto permite esse tipo de coisa, mas porque quando você hoje vai ler o texto de teatro, você vai ler com a sua cabeça de hoje, ele foi escrito em mil oitocentos e tanto. Então, assim, é preciso também que você faça essa, esse distanciamento de pensar: "Calma, esse texto não levou em consideração o WhatsApp, né, claro porque se tivesse o WhatsApp ali...".

Orador D: Já era.

Orador A: Porque a maioria das vezes, você pega um texto de teatro, você põe um celular...

Orador C: É, esse laudo tava publicada, né...

Orador A: É, ele muda tudo...

Orador C: Era, né, porque...

Orador D: Tanta fake news...

Orador C: ... porque na peça mesmo quando o doutor tenta buscar os aparelhos ideológicos, né, do estado ali pra poder divulgar o erro e prejudicar o curtume, o curtume tal [inint] [01:55:56.28], cara, ele não consegue, ele é calado. Em tempos atuais, a gente com certeza já tinha viralizado esse zap, zap, né.

Orador A: Exato.

Orador D: Mas ia virar fake news.

Orador A: E é um pouco disso que a gente falou, né, esse lance da terra plana, tudo isso que a gente discutiu, é um pouco porque a tecnologia permite esse tipo de coisa e que na época talvez não tenha permitido ou talvez o autor propôs um mundo que "E se não tivesse acontecido isso?". E sabe quando você vive perguntando essas trivias na internet "E se não existisse o WhatsApp? E se não existisse isso?". Bom, leia o Inimigo do Povo que você vai ter exatamente a dimensão de como o governo continua fazendo as mesmas coisas só que sem WhatsApp, sem a coisa e tá lá. Tá fazendo, causa o efeito, claro que a peça é escrita por uma pessoa, então é a visão de uma pessoa de como resolve essa coisa, não é uma visão da

sociedade como um todo. É uma visão da sociedade que aquele cara naquela época, mil oitocentos e, mil oitocentos e oitenta e dois, resolveu sintetizar, né. Então, assim, é uma viagem histórica, é uma viagem no tempo, mas ao mesmo tempo é um raio-x da gente agora, sabe? Eu acho isso muito interessante.

Orador C: Queridos ouvintes da podosfera, é fico feliz da gente tá debatendo questões que partiram de textos teatrais porque eu sou um ator que adoro texto, adoro e tô muito feliz porque o primeiro texto que eu li na vida de teatro é o nosso próximo texto que é o Vestido de Noiva do Nelson Rodrigues porque eu sou apaixonado pela dramaturgia e vai ser incrível também esse programa. Não percam.

Orador A: Exatamente. Então, é isso. Alguém quer falar mais alguma coisa? Pra encerrar, falar, pedir, reclamar.

Orador D: Não, pra mim tá tudo bem. Quando o Vestido de Noiva rolar, eu vou tá com uma voz melhor. Vou tomar meu homeopatia. Gustavo, funciona, Gustavo.

Orador A: Funciona, sem dúvida, é comprovado que funciona.

Orador D: Tá bom.

Orador A: Então, tá, gurizada. Muito obrigada a todos que nos acompanharam até aqui. Brigada vocês que conseguiram eventualmente ler o texto antes de ver, que pode ter gente que viu que saiu programa sobre isso, aí, deu a pausa, foi correndo ler o texto e depois veio ouvir. Então tá ouvindo isso aqui no futuro, já depois de ter lido o texto, olha só que maravilha. E você se prepare para os próximos textos. Nelson Rodrigues, Vestido de Noiva e o Rei da Vela. Tá? Muito obrigado a todos. Por favor, pessoas, entrem em contato com as nossas redes sociais, trabalho de mesa no youtube e facebook, twitter, instagram, mandem e-mail pra gente, pra gente saber o que tá acontecendo e muito obrigado a todos que nos acompanharam até esse momento e gostaria de pedir aqui encarecidamente, por favor, entrem em contato. Um beijo e até mais.

Orador E: Este projeto é realizado com Recursos do Fundo de Apoio a Cultura do Distrito Federal.

Orador F: O Trabalho de Mesa é uma criação da ETCA - Equipe Teatral Confins-Artísticos.